

---

**UM LITERATO QUE INVADIU A ALCOVA DE GÊNERO: OS CONTOS DE MACHADO DE ASSIS NA CONSTRUÇÃO DO COMPORTAMENTO FEMININO NO FINAL DO SÉCULO XIX E SUA APLICAÇÃO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DO BRASIL – POR UM NOVO DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA, GÊNERO E LITERATURA.**

Leonardo Bruno Farias  
UFCG/UNAVIDA  
leo\_bruno\_leo@hotmail.com

Caminhar é sempre bom, além de ser um excelente exercício para o corpo e para a alma, e fica melhor ainda se tivermos a sorte de uma boa companhia. É para isso que proponho este artigo: caminhar através dos Contos de Machado de Assis, durante a fase em que é apontada pelos seus estudiosos como a fase romântica e através deles nos entremearmos pela história do Rio de Janeiro, no final do século XIX. Tendo no passeio a presença de personagens que caminharão conosco e que perfazendo os caminhos escritos pela pena do “Bruxo do Cosme Velho” comporão os Contos que me aproprio neste momento. Contos escritos para o Jornal das Famílias em que trabalhou durante o período de 1864 à 1878, e que enquanto artefatos culturais me ajudam a problematizar as relações de Cultura, Poder e Identidade, engendradas para satisfazer o olhar perscrutador do autor.

A incumbência de romancista e contista trazia em seu exercício literário a responsabilidade de ajudar a contribuir com a educação das moças que o liam. Minha caminhada pelos contos de Machado de Assis foi assim mesmo, gradual. Não porque assim o escolhi, mas porque fui levado/convidado tanto a saboreá-lo quanto a questioná-lo, desconfiar de suas intenções, pois só assim, não correria o perigo de perder o *crème de La crème* de sua construção, e nesse exercício a construção do comportamento feminino em seus contos para o Jornal das Famílias (1863-1878).

Na escrita proponho um caminho sem atalhos, entretanto tendo uma ordem a seguir para os pontos estabelecidos pela linha de pesquisa e a necessária aplicação desses domínios da História. A identidade feminina, em seus contos, apresenta-se nas relações de poder e como esse poder é estabelecido (d)entre o “sexo frágil” e suas artimanhas para dominar e/ou culpar o masculino; abrangendo as conseqüências dessas atuações nos aspectos que envolvem as suas feições culturais são possibilidades de

discussão para a escrita. O que não torna menor o desafio, ou no dizer de PESAVENTO (2005), “o grande desafio”.

Eis o grande desafio, poderíamos dizer, sobretudo para aqueles historiadores empenhados em resgatar o sistema de representações que compõem o imaginário social, ou seja, esta capacidade humana e histórica de criar um mundo paralelo de sinais que se coloca no lugar da realidade. Ora, no âmbito da História Cultural, um conceito se impõe, dizendo respeito a algo que se encontra no cerne daquilo que o historiador pretende atingir: as sensibilidades de um outro tempo e de um outro no tempo, fazendo o passado existir no presente. **Logo, medir o imensurável não é apenas um problema de fonte, mas sobretudo de uma concepção epistemológica para a compreensão da história. E esta, no caso, insere o conceito das sensibilidades sob o signo da alteridade e da diferença no tempo, sem o que não é possível a reconfiguração do passado, como assinala Ricoeur.**

A partir de PESAVENTO (2005:10) e de sua análise, as bases desse “*grande desafio*” são colocadas aos historiadores empenhados em trabalhar os sistemas de representações que compõem o imaginário social: um mundo paralelo de sinais que se coloca no lugar da realidade, e que ao realizar tal ação estabelece o desafio de lançar o olhar sobre o passado, com o mesmo olhar partindo da atualidade.

Capturar as razões e os sentimentos que qualificam a realidade, que expressam os sentidos que os homens, em cada momento da história, foram capazes de dar a si próprios e ao mundo, constituiria o crême de la crême da história! (PESAVENTO, 2005)

#### Principiado pelo entendimento de que

As sensibilidades corresponderiam a este núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana que se encontra no âmago da construção de um imaginário social. O conhecimento sensível opera como uma forma de reconhecimento e tradução da realidade que brota não do racional ou das construções mentais mais elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo. (PESAVENTO, 2006:02).

Durante muito tempo as obras machadianas ficaram no pressuposto de solo sagrado da Literatura Brasileira, no qual as palavras de Machado eram tomadas como encíclicas papais e não deviam ser discutidas. Vejamos o seguinte ponto como exemplo, ROUANET (2008:128) nos diz que

Não importa: a questão da culpa de Capitu só passou a ocupar o centro da reflexão teórica e do interesse dos leitores depois do livro de Caldwell. Houve reações indignadas, como a de Otto Lara Rezende e a de Dalton Trevisan, para as quais absolver Capitu configurava um novo ato de traição, agora não mais contra Bentinho, mas contra o próprio Machado de Assis, que não deixara dúvidas quanto à realidade do adultério. E houve reações de aprovação, tão numerosas que hoje em dia há quase um consenso em torno da inocência de Capitu – pelo menos um consenso de público. Atualmente é tão difícil encontrar leitores (e sobretudo leitoras) convencidas da culpa de Capitu como há meio século descobrir quem a considerasse inocente. A versão da inocência de Capitu, ou pelo menos da culpa de Bentinho, predomina também no cinema. No filme Capitu,

dirigido por Paulo Cezar Saraceni, com roteiro de Paulo Emilio Salles Gomes, toda a carga é posta no cúme doentio de Bentinho.

SANTOS (2008:03) ressalta que “Dom Casmurro, por sua vez, está entre os principais romances de Machado de Assis e é nele que a tensão entre amor e família é tratada mais a fundo, pois acentuam-se os conflitos entre o amor e as ações das personagens.” Pensando exatamente nesses conflitos do que se sente e entre o que se age, busquei o primeiro conto de Machado para articular a construção do comportamento feminino advindo também do olhar arguto machadiano para as táticas diante do poder machista e patriarcal da época.

Bem, vamos à ironia... A ironia machadiana sobre a emancipação feminina! Porém, o leitor pode ser perguntar: emancipação feminina nessa época? Não estaríamos cometendo um caso de anacronismo histórico? PINHEIRO (2007:118) destaca que

É possível perceber que a instrução das mulheres leitoras do *Jornal das Famílias* está muito mais atrelada à questão da conduta moral que vigora na época do que propriamente a uma formação do intelecto. Na realidade, poucos periódicos inovam nessa questão, mesmo os editados por mulheres. A argentina Joana Paula de Noronha, em seu *Jornal das Senhoras*, propôs um estudo de filosofia as suas leitoras: “A Philosophia! (*Jornal das Senhoras*, 15 de fevereiro de 1852).

Então, da formação intelectual parte-se para aspectos que envolvem a emancipação da mulher também outras áreas, até para melhorar atributos já femininos como a maternidade, PINHEIRO (idem, ibidem) nos diz que

Quando esse jornal divulga artigos em defesa da “Emancipação moral da mulher”, o foco é a permissão de que ela tivesse acesso a uma educação formal para melhor cuidar de sua missão, a maternidade:

Eis pelo que desejamos a emancipação moral da mulher; porque luctaremos sempre em demonstrar que ella não é inferior ao homem em intelligência, e porque pugnarimos, sempre pelos seus direitos desprezados, e pelas sua missão desconhecida (*Jornal das Senhoras*, 1 domingo, 11 de janeiro de 1852).

Portanto, o empreendimento da editora Garnier está em sintonia com o que é esperado até mesmo pelas mulheres de seu tempo. Artigos amenos, úteis para a administração da casa e para a sua distração.

Então, como mesclar distração e erudição? Como rimar tradição com emancipação? No caso do *Jornal das Famílias* investido na criatividade da escrita eles puderam atingir seus objetivos, assim, como o historiador procura se cercar de criatividade, domínio e erudição. No caso dos jornais em que se dedicavam ao público feminino, havia a premissa desse investimento, afinal, “atraía um numeroso público feminino, ávido por conhecer as últimas novidades” (MAURO, 1991:226), quaisquer que elas fossem.

E como isso pode ser material documental e histórico para o historiador dependerá mais da episteme que se aplique, pois, segundo SERVCENKO (2003:30

Ocupa-se portanto o historiador da realidade, enquanto o escritor é atraído pela possibilidade. Eis aí, pois, uma diferença crucial, a ser devidamente considerada pelo historiador que se serve do material literário.

Os contos machadianos apostam exatamente na ironia para camufladamente deixar sua mensagem, sem afetar sua relação (íntima) com os seus leitores. SCHWARZ (1991:84) vai dizer

...se a gente examinar o tipo de ironia do Machado de Assis, vamos ver que a técnica literária dele consiste em fazer que, frase a frase, as personagens desviem da norma burguesa, a norma que manda formar juízo autônomo, racional e realista. A todo momento as personagens estão escapando a essa norma, para o imaginário, para autocompensações, sempre se conduzindo de maneira por assim dizer maluca. Então norma burguesa no romance dele não é mais do que isso, e a volubilidade é o desvio da personagem em relação a certas normas do razoável.

E para BRAYNER (apud. SILVA, 2005:42-43) a ironia é uma das figuras de linguagem mais recorrentes em toda a obra machadiana. Segundo ela

A força da ironia jaz no antigo e sempre atual prazer humano em fazer contrastar a Aparência com a Realidade, isto é, no conflito de dois significados dentro de uma estrutura dramática peculiar. De início, um significado – a aparência – apresenta-se como verdadeiro; entretanto, o aproveitamento contextual deste nível faz gradativamente surgir um outro lado da moeda – a realidade – diante da qual o primitivo significado surge como falso e limitado, sendo essencial a percepção desta duplicidade fundamental para a compreensão de qualquer ironia (BRAYNER, 1976: 100).

E nesta “luta” entre aparência e realidade surge a contradição entre o leitor e o texto machadiano, pois, se o negócio era vender (aos assinantes) jornais como então, explicar o cuidado para com o abuso da leitura que ele faz no conto “O Anjo das Donzelas”?

O primeiro aspecto que podemos destacar nesse conto é a descrição da personagem Cecília, o qual é feito com todo rigor tanto físico quanto psicologicamente, afinal..., ela é uma donzela e todo cuidado é pouco. Vejamos...

Cuidado, caro leitor, vamos entrar na alcova de uma donzela.

A esta notícia o leitor estremece e hesita. É naturalmente um homem de bons costumes, acata as famílias e preza as leis do decoro público e privado. É também provável que já tenha deparado com alguns escritos, destes que levam aos papéis públicos certas teorias e tendências que melhor fora nunca tivessem saído da cabeça de quem as concebeu e proclamou. Hesita e interroga a consciência se deve ou não continuar a ler as minhas páginas, e talvez resolva não prosseguir. Volta a folha e passa a coisa melhor.

O primeiro ponto que se destaca é como Machado nos define (o leitor) como “um homem de bons costumes, [que] acata as famílias e preza as leis do decoro público e privado”. Para depois nos tranquilizar sobre a moralidade do seu conto/convite

Descanse, leitor, não verá neste episódio fantástico nada do que se não pode ver à luz pública. Eu também acato a família e respeito o decoro. Sou incapaz de cometer uma ação má, que tanto importa delinear uma cena ou aplicar uma teoria contra a qual proteste a moralidade.

E, então, apresenta-nos Cecília... Não é novidade que Machado de Assis, traz em muitos dos seus contos publicados no *Jornal das Famílias* questões sobre a leitura feminina, ou melhor, sobre o universo de leitura/imaginação feminina, e muitas vezes, conforme as práticas de leitura da época. Os cuidados de que isso advém demonstram a pertinência da questão. Pois como nos diz LAJOLO (2000:80) “como se vê, mesmo estreante, Machado já orquestra e embaralha os fios da ficção e da realidade, transformando leitores em personagens, tematizando e encenando os caminhos do envolvimento do leitor com a matéria narrada”. Por isso, nos chama a atenção enquanto leitores: “Cuidado, caro leitor, vamos entrar na alcova de uma donzela”.

O mesmo cuidado com o leitor se faz com a personagem, pois Cecília é uma linda menina de quinze anos, que lê vorazmente muitos romances. O que a levou a ter muito medo de se apaixonar, pois via o amor-Eros, como uma coisa ruim, na visão irônica de Machado, esse medo se apresentará até a chagada de uma solução “**inesperada**”, ser “salva” pelo “Anjo das Donzelas” que numa noite dar um fim em seu sofrimento. A assimilação do objeto (amor = a sofrimento) pode ser vista também como um investimento da própria igreja, pois segundo DEL PRIORI (2006:98)

O sentimento amoroso teve um poderoso inimigo nessa época de opressão: a Igreja. Entretanto, ela não está sozinha na luta para impor a moral cristã. O amor passa a ser perseguido, também, por uma antiga ciência: a medicina. Pois a medicina começa a oferecer uma porção de argumentos físicos contra o amor. Ela não o considera um pecado, como faz a Igreja, mas, uma doença. O amor excessivo é ruim para a saúde. A “luxúria”, considerada um desarranjo fisiológico, como expressão direta desse amor, tinha de ter remédio.

Cecília interpretou que esse remédio fosse “não amar”, i.e., não se entregar ao amor e seus perigos, então, o anjo propõe um pacto: ela (a donzela) ficará imune ao amor, e terá garantida a “eterna virgindade”, desde que nunca tire o anel que ele lhe dá como uma espécie de escudo ao corpo e teria a partir daí um coração frio. Por se manter fiel ao pacto ela segue tranqüila por toda vida, até descobrir toda a trama, o anjo era seu primo, Tibúrcio, e tudo não havia passado de um sonho.

O conhecimento médico quis instituir certos cuidados para tentar responder a essas questões e resolver o problema de Cecília de outra forma. Pois o mesmo medo de se apaixonar vinculava-se a outros “medos” que eram ligados ao sujeito e a relação com o seu corpo, sua saúde, seu vigor, etc. Uma disciplina particular no seio da medicina seria a encarregada por estabelecer hábitos corriqueiros, mesmo que espaçados. Porém, havia riscos que deixavam as pessoas preocupadas, com medo mesmo, pois, como era preciso dar ao corpo certos *cuidados* ou para utilizarmos um termo mais técnico: fazer sua manutenção, no asseio da pele, por exemplo, vamos ler em VIGARELLO (1985) o destaque para os prazeres e os medos que as práticas de higiene traziam. Exemplo, um simples banho podia causar a quem se lhe entregasse ao envolvimento de seus “braços”, sensações quase libertinas, sem falar dos esmorecimentos, mesmo quando o banho foi ganhando terreno na primeira metade do século XIX, não deixou de ter problemas diante do que esta prática suscitava, destaca Georges Vigarello. CORBIN (1987) traz a importância do toalete (um banho menos perigoso), essencial para a limpeza das mãos, dos pés, das axilas, das virilhas e dos órgãos genitais, enfim, o banho passa a ser uma das novas práticas culturais de cuidado com o corpo (FREIRE, 2006), mesmo que sob “protestos”. E para evitar problemas mais sérios, Corbin vai dizer que o advento da ducha, diminuiu o tempo da toalete e desativou a complacência, afinal o banho engendrava suspeitas.

O cuidado com o corpo então, exigia uma gama de conhecimentos que não podiam ficar a cargo de “crendices” e “superstições”. Era preciso quebrar as ligações que havia com o imaginário para entregá-lo em definitivo ao campo médico-científico. A história nos mostra como essa temática – adoecimento e hospitalização – traz momentos de conflitos e tensões para conseguir se instituir.

GOMES (2008) nos diz que

O entrelaçamento entre corpo, cultura, história e sociedade é relevante uma vez que o corpo é visto concatenando significações, incorporando significados e sendo incorporado pela cultura. Se a premissa anônima dita que “toda cultura produz o corpo de que necessita”, como aceitar que o corpo doente é produzido em pleno século XXI, auge da globalização, da tecnologia, da implementação e desenvolvimento na área da saúde e da estética para os cuidados com o corpo?

Como apontamos anteriormente, era necessário interferir não apenas dentro do corpo, mas reconhecer que o problema principal estava do lado de fora também.

Ao construir suas personagens, Machado de Assis procura caracterizar o mais completo possível, tanto no âmbito físico quanto psicológico. As mulheres machadianas, como no conto em questão Cecília, que se encontra deitada no início da narrativa

Veja o leitor se a moça que ali se acha no leito, com o corpo meio inclinado, um braço nu escapando-se do alvo lençol e tendo na extremidade uma mão fina e comprida, os cabelos negros, esparsos, fazendo contraste com a brancura da franha, os olhos meio cerrados lendo as últimas páginas de um livro, veja se aquela criatura pode ter outro nome, e se aquele nome pode estar em outra criatura.

Ele a apresenta como “certas criaturas”, um ser quase divino e tão puro que tem o merecimento de receber a visita do Anjo, não sem testar o leitor que deverá também merecer estar naquela alcova singular. São os diferentes tratamentos “dispensado aos leitores pelos narradores machadianos”. LAJOLO (2000:84)

E voltando a nossa questão inicial, se Machado critica ou incentiva essa emancipação vivenciada pela personagem, vejamos o final do conto.

Uma noite de chuva, em mês de junho, de balde se esperaram os convivas. A chuva e o frio não consentiram que os respeitáveis anciões deixassem os conchegos do lar, nem mesmo com a sedução das boas horas que se passava em casa de Cecília.

Foram, pois, os três parentes obrigados a se privarem naquela noite da companhia dos amigos.

(...)

Travou-se a seguinte conversação:

— Ora, prima, disse Tibúrcio, ainda não lhe contei os tormentos que sofri relativamente ao coração...

— Ah!

— É verdade. Lembrei-me muito de você.

— Deveras?

— É verdade. Não se lembra que eu mais de uma vez lhe confessei o amor que alimentava?

— Lembro-me, sim.

— Pois saí da corte com as mais dolorosas impressões. Via que ia para longe e perdia de vista a mulher que eu ainda nem conhecia de coração. Padei muito.

(...)

— Que modo?

— Gentes! disse a prima viúva. Vocês parecem namorados!

— Mas de que modo? como apaixonada?

— Sim.

— Que loucura!

— Pelo menos tenho uma prova.

— Vamos ver a prova, disse a viúva.

— A prova não está comigo.

— Está comigo? perguntou Cecília.

— É verdade.

— Onde?

— Aí, no dedo.

Cecília olhou para o anel.

(...)

Tibúrcio continuou:

— Este anel, sim. É meu. Ou por outra, é seu hoje, mas foi meu, porque o encomendei.  
— Mas explique-se.  
— Nas vésperas de partir da corte quis deixar-lhe uma prova de que o meu amor era verdadeiro e seria eterno. Encomendei este anel, que o ourives prontificou com o maior cuidado e zelo. Tinha dois meios de dar-lho: ou introduzir-lho no dedo, francamente, com a declaração de que era uma lembrança minha que deixara, ou depositá-lo no seu toucador para que, quando eu já estivesse fora, aquela lembrança a surpreendesse.  
(...)  
Cecília nada disse. Tinha os olhos pregados em Tibúrcio e procurava arrancar-lhe as palavras da boca.  
Tibúrcio prosseguiu:  
— Preferi o segundo meio por me parecer, como diz a prima, romanesco. Mas, ao executá-lo, ocorreu-me um terceiro meio. Era o de colocar o anel no seu dedo na hora em que dormisse, de modo que a surpresa fosse ainda maior.  
— Ah! e...  
Esta exclamação e esta conjunção partiram da prima viúva. Cecília tão absorta estava que nada podia dizer.  
— Descansem, disse Tibúrcio, eu fiz as coisas honestamente. Peitei a mucama para que alta noite, na ocasião em que a prima dormisse depois da costumada leitura... Ah! você lia muito romance!  
— Adiante!  
— Para que alta noite se aproveitasse do sono em que você estivesse e lhe pusesse o anel. Assim foi. Vejo agora que conservou o anel. Mas, diga-me, a Teresa nunca lhe disse nada disto?  
— Não, disse Cecília distraidamente.  
— Pois foi assim. E se quer mais uma prova tire o anel... Nunca o tirou?  
— Nunca.  
— Pois tire o anel e veja se não estão gravadas pela parte interior as iniciais do meu nome.  
Cecília hesitou entre a curiosidade de averiguar a asseveração de Tibúrcio e um resto de crença que tinha nas palavras da visão.  
(...)  
E Cecília passou a referir aos dois parentes todas as circunstâncias da visão, o diálogo que tivera com ela, a fé em que lhe ficaram as promessas do anjo das donzelas.  
— Tal foi, acrescentou Cecília, a razão por que me não casei. Tinha fé nisto.  
Quanto a tirar o anel, disse-me a visão que nunca o fizesse.  
Tibúrcio deu uma gargalhada.  
— Ora, prima, disse ele, pois você quer contestar uma verdade com uma superstição? Ainda acredita em sonhos!  
— Como, sonhos?  
— É evidente. Isso da visão não passou de um sonho. Coincidiu o sonho com o fato do anel. Mas você quando acordou no dia seguinte achou-se com um anel no dedo, não devia fazer outra coisa mais do que averiguar a razão do fenômeno, e não dar crédito a uma coisa toda de imaginação.  
Cecília abanou a cabeça.  
— Pois não crê? Tire o anel.  
Cecília hesitava. Mas Tibúrcio usou da arma do ridículo, no que foi acompanhado pela prima viúva de modo que Cecília, com alguma relutância, pálida e trêmula, arrancou o anel do dedo.  
O anel tinha na parte interna gravadas estas iniciais: T. B.

O que pensar? O que problematizar? Bem, nesse período em questão o amor era algo que fugia as raias do senso, da lógica, tanto que DEL PRIORI (2006:124) vai dizer

O discurso amoroso que circulava entre uma pequena elite, inspirado no romantismo francês, era recheado de metáforas religiosas: a amada era um ser celestial. A jovem casadoira, um anjo de pureza e virgindade. ***O amor, uma experiência mística.*** Liam-se

muitos livros sobre sofrimento redentor, sobre estar perdidamente apaixonado, sobre corações sangrando. Mas falar sobre tais assuntos era tão escandaloso que as palavras eram substituídas por silêncios, toques, troca de olhares e muita bochecha vermelha. Enrubescer era obrigatório para demonstrar o desejado nível de pudor, pudor que elevava as mulheres à categoria de deusas, santas, anjos.

Mas a realidade da maior parte das mulheres estava bem distante das representações literárias. Numerosos viajantes de passagem pelo Brasil fazem alusão ao modo de vida feminino cotidiano. Bem diferentes das heroínas de romances, as mulheres viviam displicentemente vestidas, ocupadas com afazeres domésticos e dando pouca atenção à instrução.

A mulher machadiana – Cecília, em questão – subverte a ordem encontrada na citação de Del Priori, pois quando rompe com o padrão casadoiro em que estava a mulher. Ela queria ser salva dos sofrimentos, mas em nenhum momento do conto está no papel da mulher displicente e ocupada, mas sempre desejada e cortejada como verdadeiro troféu aos candidatos que rejeitou durante toda a vida.

O constrangimento final de perceber-se credora de um sonho ao ponto de que o primo “Tibúrcio usou da arma do ridículo, no que foi acompanhado pela prima viúva” para levá-la a acabar com a influência romanesca em sua vida, afinal eles deram asas à imaginação de Cecília e o conto demonstra o quanto isso pode ser perigoso. Recorro novamente a DEL PRIORI (2006:132)

O que se observa na literatura romântica desse período são propostas de sentimentos novos, nas quais a escolha do cônjuge passa a ser vista como condição de felicidade. Mas isso ficava para os livros ou para os novos códigos amorosos que lentamente se instalavam. *A escolha, na vida real, era, todavia, feita segundo critérios paternos.*

Porém, na construção do comportamento de Cecília, Machado a constrói como uma leitora voraz. Além, do que ela não ficava apenas na leitora – passava e repassava o que havia lido e com isso refletia sobre seu conteúdo – dava vida aos personagens em sua imaginação e vivia com eles, conversava com eles, sentia com eles.

Devido às experiências negativas vividas por seus “novos amigos” ele repulsava o amor, afinal aprendera com eles que o “amor era uma paixão invencível e funesta”. Por isso, não queria casar para não sofrer. Ai aparece o Anjo das Donzelas. Estava livre das paixões por causa do seu escudo – o anel – que nunca deveria ser tirado do dedo, ou se perderia.

Crítica ou conselho? O final do conto pede uma posição, ou seria um preço, pela emancipação até ali: O anel precisava ser retirado e com ele adviria duas causas: a verdade do fato e a quebra da promessa ao Anjo. (SILVEIRA, 2005:203-204)

Entre a curiosidade de averiguar o dito do primo e a necessidade de cumprir com a promessa, Cecília tentou resistir e não retirar o anel, mas foi vencida. Todos terminaram vendo que, de fato, as iniciais de Tibúrcio estavam ali gravadas.

Importa pensar aqui nas leituras e no modo de ler de Cecília. É clara a preocupação com aquilo que as moças liam. O ‘presente e o futuro’ delas estavam diretamente associados à boa leitura, que deveria conter lições.

CHALHOUB (2003:92) “a Machado de Assis interessava desvendar o sentido do processo histórico (...), buscar as causas mais profundas, não necessariamente evidentes na observação de superfície dos acontecimentos”. Por isso, tanto o Jornal quanto as circunstâncias em que suas leitoras o consumiam, o leva a “uma narrativa mais sinuosa, cheia de mediações e nuances”. CHALHOUB (2003:93) “*o bruxo realizou o objetivo, todo seu, de dizer as verdades que bem quis sobre a sociedade brasileira do século XIX*”.

O que consegui apontar como certo é que Machado de Assis tinha expressado em sua escrita uma relação muito íntima com suas leitoras – “amiga minha” -, porém, tanto exprobrava quanto elevava o gênero feminino, nas suas ações corriqueiras, porém, isso deixarei para discutir mais detidamente num capítulo específico, como o que se segue agora, no qual convido o leitor a ir conosco um pouco mais para dentro dos espaços permeados por Machado, um pouco além da “alcova de uma donzela”. Para concluir faço minhas as palavras de Machado de Assis:

Cuidado, caro leitor, vamos entrar na alcova de uma donzela.

A esta notícia o leitor estremece e hesita. É naturalmente um homem de bons costumes, acata as famílias e preza as leis do decoro público e privado. É também provável que já tenha deparado com alguns escritos, destes que levam aos papéis públicos certas teorias e tendências que melhor fora nunca tivessem saído da cabeça de quem as concebeu e proclamou. Hesita e interroga a consciência se deve ou não continuar a ler as minhas páginas, e talvez resolva não prosseguir. Volta a folha e passa a coisa melhor.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- CHALHOUB, Sidney. e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (orgs). **Machado de Assis: historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa, 1990.
- CORBIN, Alain. **Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CRESTANI, Jaison Luís. **Machado de Assis no Jornal das Famílias**. São Paulo: Nankim: EDUSP, 2009.
- DEL PRIORI, Mary. **História do amor no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista em revistas femininas (rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920)**. Tese (doutorado) em

História das Ciências e da Saúde – Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz Rio de Janeiro: 2006.

GOMES, Daniela Rodrigues Goulart. **O corpo psicanalítico no hospital**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2008.

**Jornal das Famílias**: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 2, setembro de 1864.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

MAURO, Frédéric. **O Brasil no tempo de dom Pedro II: (1831-1889)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

PESAVENTO Sandra J. «**Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades**», Nuevo Mundo Mundos Nuevos [En línea], Coloquios, 2004, Puesto en línea el 04 février 2005. URL: <http://nuevomundo.revues.org/index229.html> DOI: en curso de atribución

PINHEIRO, Alexandra Santos. **Para além da amenidade: o Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção**. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: [s.n.], 2007.

ROUANET, Sergio Paulo. **Dom Casmurro alegorista**. REVISTA USP, São Paulo, n.77, p. 126-134, março/maio 2008.

SANTOS, Heloisa Helena de Oliveira. **O papel dos intelectuais na redefinição dos papéis da mulher e da família: amor e literatura no século XIX**. XIII Encontro de História ANPUH-Rio - Identidades. 2008.

SCHWARZ, Roberto. **Machado de Assis: Um debate: conversa com Roberto Schwarz**. Novos Estudos - CEBRAP Nº 29, março 1991.

SERVENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Marcos Fabrício Lopes da. **Machado de Assis, crítico da Imprensa: O Jornal entre Palmas e Piparotes**. Dissertação (mestrado) Faculdade de Letras da Universidade federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: [s.n.], 2005.

SILVEIRA, Daniela Magalhães da. **Contos de Machado de Assis: leitura e leitores do “Jornal das Famílias”**. Dissertação (mestrado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas-SP [s.n.], 2005.